



SOCIEDADE EDUCACIONAL PINHALZINHO – HORUS FACULDADES
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

BRUNA RAQUEL HEINZEN

**DESAFIOS NA DOCÊNCIA: ROMPENDO COM TABUS DO ENSINO DA
SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

PINHALZINHO/SC

2021

BRUNA RAQUEL HEINZEN

**DESAFIOS NA DOCÊNCIA: ROMPENDO COM TABUS DO ENSINO DA
SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**Artigo apresentado à HORUS FACULDADES,
como requisito parcial para a conclusão do
curso de Pedagogia.**

Orientador: Me. Silmara Terezinha Freitas

PINHALZINHO/SC

2021

DESAFIOS NA DOCÊNCIA: ROMPENDO COM TABUS DO ENSINO DA SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Autor: Bruna Raquel Heinzen
Orientadora: Silmara Terezinha Freitas

Resumo: O presente estudo aborda sobre o ensino da sexualidade na Educação Infantil. A escolha do tema justifica-se pela escassez da abordagem e discussão referente ao assunto. Tem por objetivo refletir sobre a prática docente da temática sexualidade na educação infantil, para compreender as dificuldades e tabus que o professor enfrenta ao abordar o tema nesta etapa formativa do educando. A metodologia inscreve-se em pesquisa bibliográfica, documental e exploratória. Consta-se que a sexualidade é um fator natural de desenvolvimento corporal e descobrimento de si próprio no mundo, necessitando esta descoberta, ser muito bem orientada para que não ocorram traumas ou aprendizagens errôneas. Saliencia-se que para essa mediação acontecer naturalmente, é necessária a oferta de maiores oportunidades de capacitação aos docentes, haja vista que somente quando os estereótipos e padrões sociais preconceituosos forem deixados de lado, os educadores serão capazes de romper com os tabus na sua prática pedagógica.

Palavras chaves: Docência; Sexualidade; Desafios; Ensino; Educação Infantil.

1 INTRODUÇÃO:

A escola é um lugar multicultural, espaço que zela por ensinar da melhor maneira possível os mais diversos assuntos, respeito à diversidade e a cultura de cada educando. Os aprendizados obtidos no ambiente escolar refletem no decorrer da vida dos alunos, que por meio de experiências reais do cotidiano são capazes de compreender melhor os ensinamentos, bem como, dar significado ao conhecimento adquirido.

Tendo em vista que cada criança possui suas próprias experiências culturais, muitas das temáticas abordadas em sala de aula são novidades para elas, e isso pode despertar seu interesse e instigar curiosidade em aprender. Contudo, pode ocorrer que um determinado assunto, possa constranger os discentes ou ser visto como algo desnecessário por parte dos pais. A sexualidade, por exemplo, é um tema visto como tabu, principalmente no âmbito educacional (RODRIGUES, 2013b; CAVALCANTI, 2017).

Trabalhar a sexualidade na escola já é algo difícil, porém, quando o contexto de aprendizagem se dá na educação infantil, o desafio é ainda maior. Isso recai sob diversas frentes, por exemplo, professores que não se sentem preparados para a correta abordagem ao tema, pais que veem a sexualidade como um assunto tabu para falar abertamente e adequadamente com as crianças. Schindhelm (2011) comenta que as pessoas que trabalham com as crianças vivenciam cada vez mais manifestações da sexualidade infantil, circunstâncias essas, que os deixam sem reação, pois não sabem como auxiliá-los de maneira adequada.

A sexualidade está presente no cotidiano das escolas, porém os professores não sabem como lidar diante dessas situações, como afirmam Staub e Graupmann (2015, p. 10435):

Apesar de, atualmente existir uma gama de possibilidades e maneiras de como versar sobre temáticas que digam respeito à sexualidade em sala de aula, esse assunto ainda é tratado de forma bastante limitada, sendo considerado um grande desafio pela transformação que promove na prática educativa, neste viés infere-se que a maioria dos professores ainda não tem a devida formação para abordar este tema, talvez poucos os que se propõem a falar abertamente com os alunos sobre esse assunto.

Ao encontro do exposto, Silva (2019) evidencia que a sexualidade na infância é algo de resistência, um tema polêmico no contexto escolar, sendo que as situações, manifestações ou expressões relacionadas, precisam ser abordadas de maneira natural no cotidiano dos estudantes.

As situações que envolvem a sexualidade desde a educação infantil estão presentes na prática docente e as principais manifestações das crianças versam sobre questionamentos instigados pela curiosidade em conhecer mais sobre o próprio corpo e dos colegas. As creches para além da socialização e dos cuidados com a alimentação e higiene também tem por objetivo estimular o desenvolvimento infantil dos aspectos afetivos, sociais, cognitivos e físicos, sendo que a sexualidade, de certa forma abrange todos esses elementos (MAIA; SPAZIANI, 2021).

Tendo em vista os fatos expostos, esse artigo tem como objetivo refletir sobre a prática docente da temática sexualidade na educação infantil, para compreender as dificuldades e tabus que o professor enfrenta ao abordar o tema nesta etapa formativa do educando.

2 A SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A educação advém de muitos eventos históricos, esses na qual lhe transformaram de diversas formas, na contemporaneidade sabe-se que é o fenômeno próprio do ser humano, ou seja, é considerada essencial na vida das pessoas (SAVIANI, 2015). Já o processo educativo para mediar esse conhecimento ocorre de diferentes maneiras, variando com o que e como o docente sabe e do currículo da escola.

Os ensinamentos/conhecimentos científicos tem início na educação infantil, que por sua vez, são desenvolvidos de forma lúdica e podem ocorrer de formas indiretas para os educandos, como por exemplo, por meio de cantigas, jogos com peças de montar e pinturas, se tornando para as crianças atrativo, divertido, pois, acontece uma espontaneamente a mediação da aprendizagem entre professor e aluno .

O ambiente escolar é um lugar para ensinar sobre diversos assuntos, formando pessoas com consciência crítica a respeito da realidade vivencial em sociedade. Ao encontro disso, pontua Costa (2012, s/p.):

A escola é uma instituição social com objetivo explícito: o desenvolvimento das potencialidades físicas, cognitivas e afetivas dos alunos, por meio da aprendizagem dos conteúdos (conhecimentos, habilidades, procedimentos, atitudes, e valores) que, aliás, deve acontecer de maneira contextualizada desenvolvendo nos discentes a capacidade de tornarem-se cidadãos participativos na sociedade em que vivem.

Corroborando a discussão, Saviani (2015, p.3) afirma que a existência da escola serve “[...] para propiciar a aquisição dos instrumentos que possibilitam o acesso ao saber elaborado (ciência), bem como o próprio acesso aos rudimentos desse saber”. Destacando a temática sexualidade, o autor explicita que o docente atua como mediador do conhecimento, possibilitando que as crianças compreendam a importância de falar com pessoas - de sua confiança - sobre atitudes de terceiros, relacionadas ao seu corpo, como toques, palavras, entre outros fatores que possam denegrir a física e emocionalmente sua integridade.

Neste aspecto, Saviani (2015, p. 5) afirma “[...] vê-se, assim, que para existir a escola não basta a existência do saber sistematizado. É necessário viabilizar as

condições de sua transmissão e assimilação”. Desponta daí a compreensão de que a educação é um processo de mediação dos conhecimentos do professor ao aluno e vice-versa, numa mútua relação de confiança.

Para que o profissional leccione sobre a educação sexual Reis e Ribeiro (2005) comentam que em sua proposta pedagógica, é interessante buscar métodos inovadores e assuntos que despertem o interesse dos alunos, conforme as necessidades dos mesmos. Trabalhar sobre a sexualidade é um desafio, pois além de ensinar, o docente não deve estabelecer modelos e estereótipos, ao contrário, deve refletir com os discentes as realidades/situações/conhecimentos científicos e sociais que abarcam o tema. Portanto, o professor não pode se o detentor do conhecimento e da verdade absoluta, e sim, buscar meios que as crianças possam relatar suas dúvidas e angústias, criar uma atmosfera segura e de confiança para diálogos abertos e sinceros, para que dessa forma se tenha espaço para debate sobre os mais diversos assuntos, que possibilitem reflexão e rompimento de tabus e preconceitos.

Mesmo a sexualidade sendo um tema de resistência/insegurança/timidez/vergonha para muitas pessoas, sua contextualização está cada vez mais presente em diversos cenários, seja nas relações de convivência, nas mídias eletrônicas ou até em livros. No contexto escolar, essa temática adentra aos conteúdos estruturantes das aulas, contudo, de uma maneira mais cuidadosa e ética, respeitando as faixas etárias e escolares, bem como, as individualidades de cada educando. No entanto, cabe ressaltar que para o ensino da educação sexual não existe nenhuma legislação regulamentadora específica, sendo apenas contemplada nos temas transversais dentro dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN's e na Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BARBOSA; VIÇOSA; FOLMER, 2019).

Destarte, assuntos relacionados à sexualidade fazem parte das discussões do Ministério da Educação desde a segunda metade dos anos de 1990, mas em 1997 quando foram elaborados os PCN's, este passou a ser o documento de referência no país para que na construção dos currículos escolares, fossem implementada e educação sexual.

[...] com a intenção de possibilitar um currículo flexível, aberto e que estimulasse um aprendizado das questões da vida real para transformá-la, os PCN trouxeram a orientação sexual como um tema transversal presente no ensino (BARBOSA; VIÇOSA; FOLMER, 2019, p. 3).

Neste sentido, a inclusão da sexualidade nos PCN's, possibilitou uma abertura no campo da educação, trazendo assim a possibilidade dos docentes planejarem de forma mais segura e adequada às aulas abordando essa temática.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) homologada no ano de 2017, foi criada no intuito de definir o conjunto de aprendizagens fundamentais e gradativas a todos os educandos nos diversos níveis de ensino da educação básica, evidenciando:

Ao longo da Educação Básica, as aprendizagens essenciais definidas na BNCC devem concorrer para assegurar aos estudantes o desenvolvimento de dez competências gerais, que consubstanciam, no âmbito pedagógico, os direitos de aprendizagem e desenvolvimento (BRASIL, 2017 p. 8).

Levando em consideração o tema sexualidade, podem-se destacar entre as dez competências elencadas no documento, a número oito, que enfatiza “[...] conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas” (BRASIL, 2017, p. 10). Diante disso, o docente ao desenvolver o planejamento das aulas, pautar-se-á em práticas que evidenciem o respeito, autocuidado e autoconhecimento.

Além das competências, a Base evidencia cinco campos de experiência: O eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação; Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações; eles possuem relação direta com as vivências reais das crianças e seus saberes (BRASIL, 2017, p.40). No âmbito da sexualidade, o campo de experiência que se destaca é: “*O eu, o outro e o nós*”, que reflete sobre:

É na interação com os pares e com adultos que as crianças vão constituindo um modo próprio de agir, sentir e pensar e vão descobrindo que existem outros modos de vida, pessoas diferentes, com outros pontos de vista. Conforme vivem suas primeiras experiências sociais (na família, na instituição escolar, na coletividade), constroem percepções e questionamentos sobre si e sobre os outros, diferenciando-se e, simultaneamente, identificando-se como seres individuais e sociais. Ao mesmo tempo que participam de relações sociais e de cuidados pessoais,

as crianças constroem sua autonomia e senso de autocuidado, de reciprocidade e de interdependência com o meio. Por sua vez, na Educação Infantil, é preciso criar oportunidades para que as crianças entrem em contato com outros grupos sociais e culturais, outros modos de vida, diferentes atitudes, técnicas e rituais de cuidados pessoais e do grupo, costumes, celebrações e narrativas. Nessas experiências, elas podem ampliar o modo de perceber a si mesmas e ao outro, valorizar sua identidade, respeitar os outros e reconhecer as diferenças que nos constituem como seres humanos (BRASIL, 2017, p.40)

Esse campo busca estimular a independência do educando, por meio do autocuidado e de relações com outras pessoas. O cuidado com o próprio corpo está descrito diversas vezes no documento, sendo ele o princípio da sexualidade na educação infantil.

Mesmo com os documentos norteadores da educação, os quais embasam o planejamento pedagógico dos professores, abordar a temática sexualidade em sala de aula de maneira que seja natural à aprendizagem dos estudantes, é um desafio. Neste aspecto, emergem questionamentos e dúvidas por parte dos docentes a respeito dos reflexos externos à abordagem e interpretação que o tema pode ocasionar, tanto para os alunos quanto para seus pais e/ou responsáveis. Staub e Graupmann (2015, p. 10434) afirmam que:

É imprescindível um maior conhecimento teórico sobre sexualidade infantil para evitar inadequações na condução e diálogo desses comportamentos, que são da natureza humana. A problemática surge então do processo de formação dos professores, que se sentem despreparados para realizar um trabalho de qualidade acerca desta temática.

Pensar na abordagem da temática sexualidade na educação infantil é sim antes de qualquer coisa, um rompimento de tabus sociais, o que se torna também um desafio, haja vista a escassez de cursos de capacitação nessa área, o que por sua vez, resulta em despreparo e insegurança do profissional. O ensino nessa etapa formativa do estudante é voltado à processos e metodologias recheadas de práticas lúdicas, daí emerge uma inquietação quanto a maneira mais adequada para ensinar sobre sexualidade.

É relevante ter a consciência de que o tema sexualidade é amplo, dada sua complexidade, e não se resume em sexo, como é a ideia de muitas pessoas. Schindhelm (2011, p.46) afirma que “[...] a sexualidade é uma dimensão humana que

acompanha as pessoas ao longo de toda a vida, num conjunto de tudo que ouvimos, vemos, sentimos e recebemos da família, escola, comunidade e cultura onde estamos inseridos”. Sexualidade, é conhecer o próprio corpo de maneira a se tornar mais independente, é reconhecer as diferenças e compreender a normalidade das transformações.

Por sua vez, Gava e Jardim (2021, p.1), pontuam que “[...] sexualidade é a necessidade de receber e expressar afeto e contato que todas as pessoas têm e que nos traz sensações prazerosas”. Assim, sexualidade não se trata apenas de sexo, e sim sobre todo e qualquer movimento ou expressão que transmita prazer entre pessoas.

Corroborando a discussão, Hess (1986, p.10) considera que:

As experiências e impressões dos primeiros anos de vida são muito importantes para o desenvolvimento da criança. Os estímulos recebidos nesta fase são decisivos para o resto da vida, seja positiva ou negativamente. Isto vale também para a esfera sexual

Para a educação infantil, a sexualidade é necessária para que a criança consiga identificar/reconhecer o seu corpo como sendo seu, respeitar os colegas, saber lidar com seus sentimentos e emoções. Essas aprendizagens podem ser desenvolvidas em trabalho conjunto entre família e escola, como pontuam Gava e Jardim (2021, p.1):

É interessante que os pais iniciem a explicação a partir do conhecimento que a criança já traz, procurando completar ou corrigir as informações. Não se deve reprimir o interesse com comentários do tipo: “Isto não é assunto de criança!”. O mais correto é esclarecer e atender à curiosidade, evitando com isso a aquisição de informações muitas vezes errôneas e distorcidas vindas de fontes nem sempre confiáveis. Grande parte dos pais fica horrorizada ao flagrarem seus filhos tocando os órgãos genitais ou manipulando suas próprias fezes e acaba recorrendo a punições e repressões severas.

Partindo desse pressuposto, é considerável que existem tensões por parte de alguns pais em relação ao ensino da sexualidade na educação infantil, pois muitas vezes é mais fácil distorcer ou omitir o assunto do que dar explicações. Como discutido e abordado por autores supracitados, a sexualidade está presente desde o início do cotidiano escolar.

3 METODOLOGIA

Os procedimentos teóricos metodológicos da pesquisa classificam a presente investigação, como um estudo de natureza qualitativa, bibliográfica e exploratória.

Segundo Gerhardt e Silveira (2009), uma pesquisa com abordagem qualitativa não enfoca a representatividade numérica dos dados coletados, mas, sim, o aprofundamento e compreensão de ações e vivências de um determinado grupo social. Partindo deste pressuposto, justifica-se a escolha pela utilização desta abordagem, a qual está relacionada à intenção de conhecer, descrever e refletir sobre os desafios enfrentados pelos docentes que atuam na educação infantil, quando abordam a temática da sexualidade.

Gil (2002) destaca que, a pesquisa é um procedimento lógico, com finalidade de proporcionar respostas ou sugestões às dificuldades que são evidentes ou ainda propostas, sendo “[...] requerida quando não se dispõe de informação suficiente para responder ao problema, ou então quando a informação disponível se encontra em tal estado de desordem” (GIL, 2002, p. 17).

O público alvo desta pesquisa foram professores que atuam na Educação Infantil, tal escolha amostral originou-se devido ao interesse em averiguar e conhecer quais são as metodologias utilizadas pelos educadores, bem como, refletir quanto aos desafios enfrentados no ensino da temática sexualidade. Para a coleta de dados, além das bases bibliográficas que nortearam o aprofundamento teórico, foi realizado um questionário eletrônico no *Google Forms*, enviado por *e-mail* e aplicativo de mensagens *Whatsapp*, a diversos grupos de professores atuantes na Educação Infantil.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise dos dados desta pesquisa decorreu da seguinte maneira: primeiramente foi elaborado um formulário eletrônico com onze perguntas fechadas e uma aberta, com a opção de assinalar mais de uma alternativa¹. O questionário foi

¹ No apêndice I, se encontra o questionário aplicado aos professores.

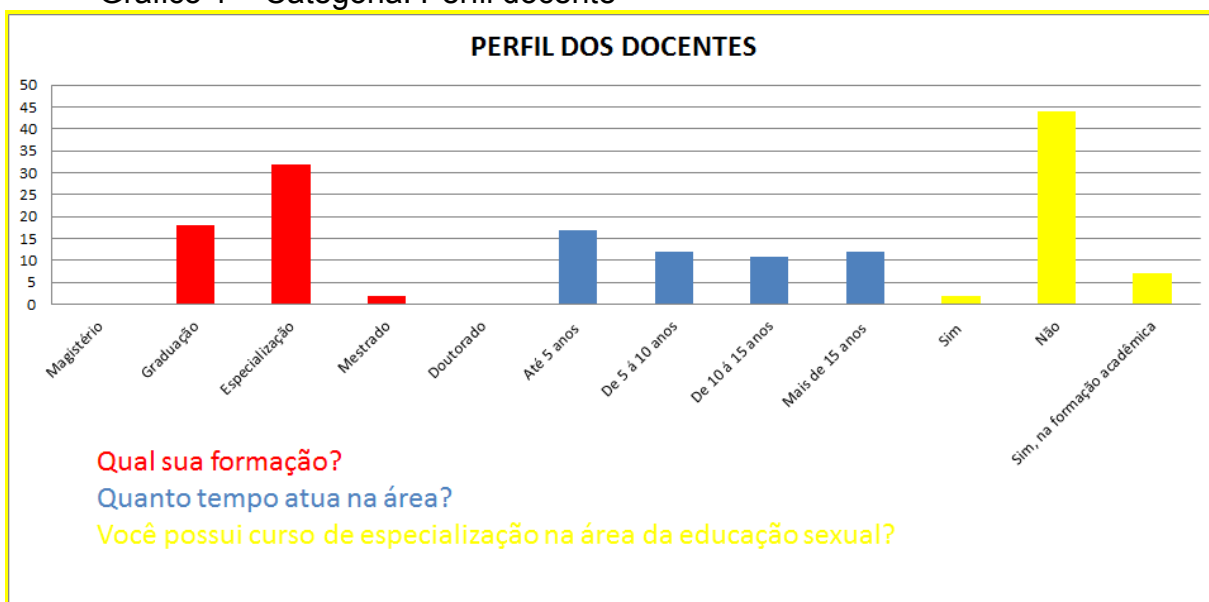
enviado em formato de *link* via aplicativo de mensagens *Whatsapp* e por endereços de *e-mail*.

O período entre os dias 09 de julho a 21 de setembro de 2021 foi disposto para o envio do formulário e coleta de dados. O questionário foi enviado para uma amostra de 130 professores atuantes na Educação Infantil, e, destes obtivemos 52 devolutivas, que seguem expostas e representadas por meio de gráficos de setores e de barras².

As perguntas do questionário foram formuladas com base em categorias analíticas, segundo os pressupostos de Bardin (1977, p.46) “[...] a análise categorial temática, é entre outras, uma das técnicas da análise de conteúdo, para evidenciar os indicadores que permitam inferir sobre uma outra realidade que não a da mensagem”, o que auxiliou na organização e na análise dos dados obtidos, os quais seguem expostos e discutidos na sequência.

Na primeira categoria buscamos conhecer o perfil do corpo docente entrevistado, conforme exposição gráfica apresentada na sequência.

Gráfico 1 – Categoria: Perfil docente



Fonte: as autoras (2021).

Os dados mostraram que dos 52 professores, 32,7% atuam na área de cinco anos para menos e apenas 23,1% possuem experiência na docência há mais de

² No apêndice II, se encontra a disposição gráfica das respostas obtidas.

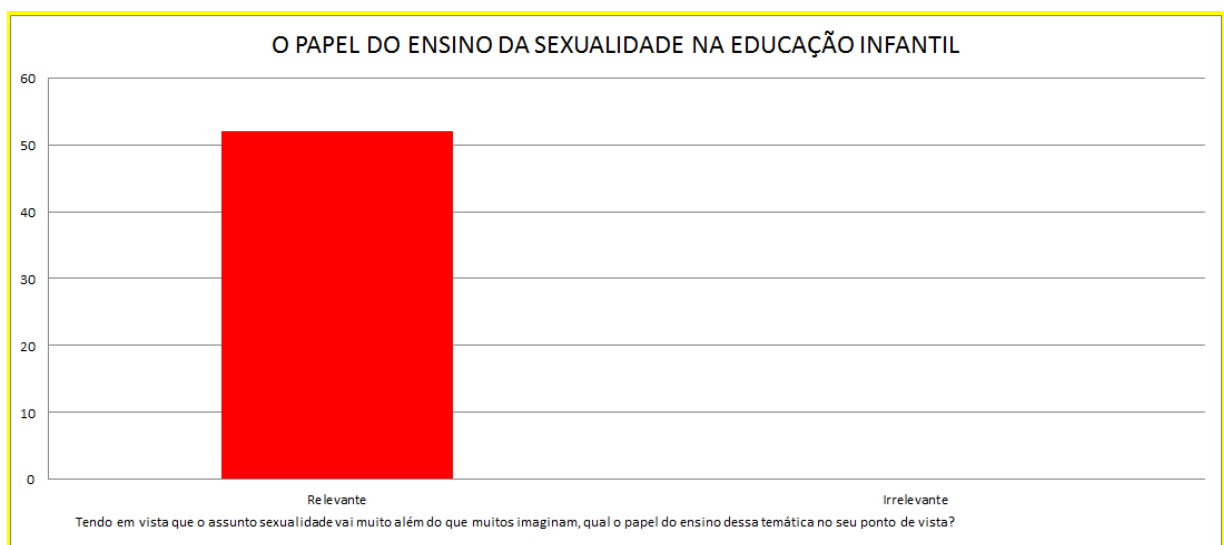
quinze anos, outros 23,1% atuam de cinco a dez anos e ainda 23,1% de dez a quinze anos. Quanto à formação destes profissionais, mais da metade possuem especialização *latu sensu*, correspondente a 61,5%, outros 34,6% apenas graduação em Pedagogia e um percentual mínimo (3,8%) de pós-graduados *stricto sensu* (mestrado).

Averiguando se os educadores possuem algum curso de especialização e/ou formação continuada na área da educação sexual, verificamos que 44 dos docentes responderam que não, apenas 7 afirmaram que durante a graduação tiveram alguma disciplina na grade curricular sobre o tema e, somente 2, responderam que possuem curso de especialização sobre esse assunto (a questão foi aberta para mais de uma opção de resposta).

Ressaltando que o tempo de atuação profissional não remete a ser um professor com mais cursos na área da educação sexual, com os dados foi possível perceber que existe uma escassez de cursos preparatórios e/ou de extensão aos docentes. Considerando que a formação acadêmica é o início da instrução da futura vida profissional, são poucos os pedagogos que possuem uma disciplina para prepará-los para as situações decorrentes da prática da docência.

Na categoria seguinte “O papel do ensino da sexualidade na educação infantil”, buscamos entender a visão dos professores referente a relevância do tema.

Gráfico 2 – Categoria – Ensino da sexualidade na educação infantil

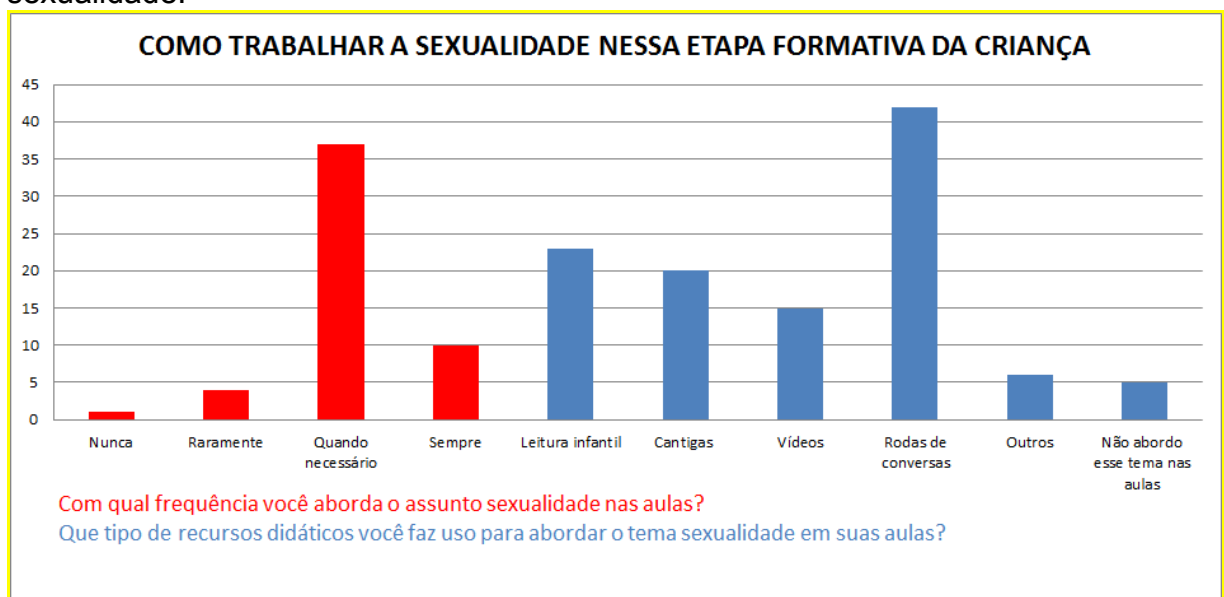


Fonte: as autoras (2021).

Ao se questionar sobre qual o papel dessa temática, houve unanimidade (100%) de respostas sobre a relevância em se abordar assuntos diversos. Mesmo com tantos profissionais que não possuem algum curso de formação na área, todos concordaram que o tema é importante de ser trabalhado. Portanto, a sexualidade é um tema de comum aceitação entre os educadores quanto a sua relevância curricular, mas, difícil de ser incluído tanto na prática pedagógica quanto na própria formação profissional.

Pensando em como trabalhar sobre a sexualidade nesta primeira etapa de formação escolar, é que elaboramos a terceira categoria, buscando entender sobre a realidade docente frente à abordagem deste tema.

Gráfico 3 – Categoria: Práticas pedagógicas adotadas no ensino da sexualidade.



Fonte: as autoras (2021).

Ao perguntarmos com qual frequência o assunto é abordado, mais da metade dos professores (71,2%) responderam que somente quando se faz necessário, já 19,2% afirmaram que sempre abordam outros 7,7% raramente e apenas 1,1% nunca.

Quanto à maneira com que o tema é mais abordado, considerando que esta foi uma questão que os docentes puderam optar por mais de uma alternativa, a maior incidência de respostas convergiu para rodas de conversa, totalizando 44 respostas, seguido da literatura infantil (23), cantigas (20), vídeos (15), apenas seis

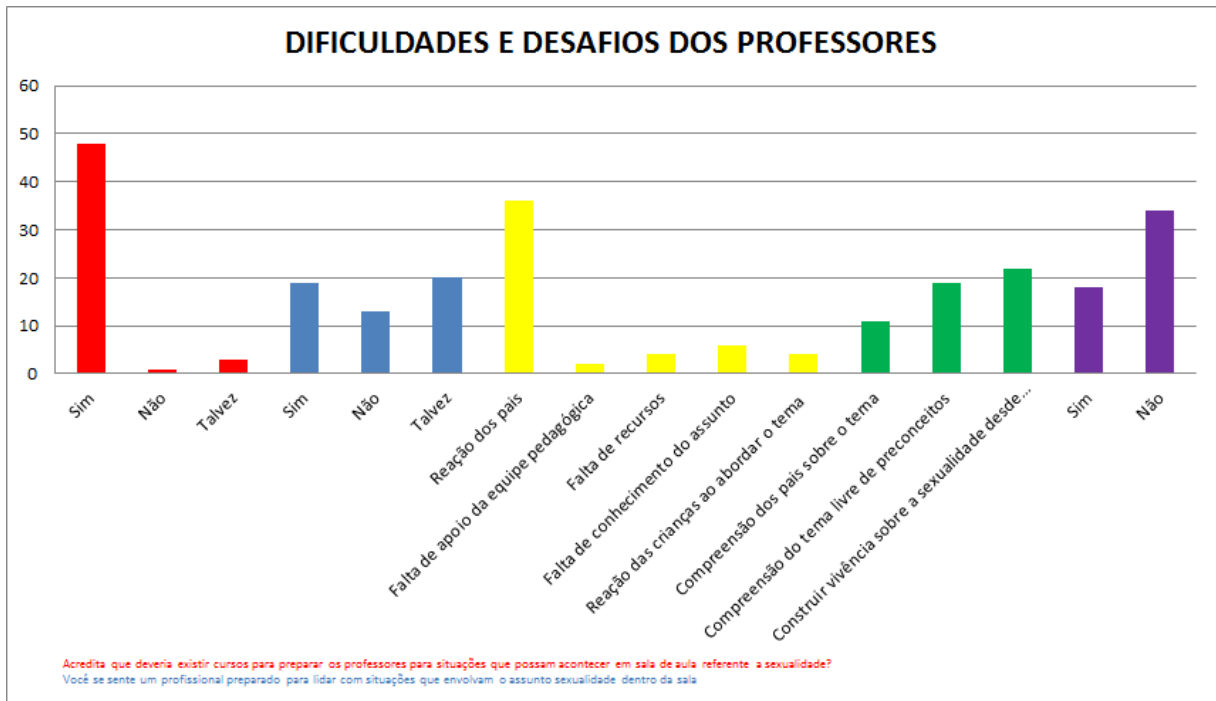
pedagogos afirmaram utilizar outros métodos e outros cinco não abordam esse tema nas aulas. Considerando que existe a possibilidade de trabalhar com o lúdico Rodrigues (2013, p. 14) afirma:

[...] as atividades lúdicas favorecem a convivência com sentimentos diversificados que são reflexos do seu interior, e é por meio das brincadeiras que expressam aquilo que teriam dificuldades. As brincadeiras ajudam as crianças na construção da criticidade, pois o faz-de-conta é um exercício psíquico-terápico que contribui para a construção do eu em consonância com a realidade social.

Portanto, o lúdico aproxima a criança da realidade, fazendo com que a mesma demonstre suas dúvidas ou medos, possibilitando então, que o docente perceba as necessidades da turma. A autora ainda destaca que “[...] a educação para a sexualidade deve considerar que para cada indivíduo viver com plenitude no mundo que o cerca, é preciso estar sensibilizado para respeitar a si mesmo e aos outros (RODRIGUES, 2013a, p. 24)”. Sendo assim, fazer com que a criança vivencie situações faz com que ela esteja preparada quando algo lhe acontecer na vida fora do faz de conta.

Como quarta e última categoria, abordamos a questão do rompimento de tabus quanto ao ensino da sexualidade na Educação Infantil, por isso, buscamos questionar os educadores quanto ao seu posicionamento e cosmovisão referente aos desafios e dificuldades enfrentadas ao lecionar essa temática.

Gráfico 4: Categoria: Dificuldades e desafios



Fonte: as autoras (2021).

Quando questionamos se os docentes se sentem preparados para enfrentar situações em sala de aula que envolvam a sexualidade, 25% afirmaram que não, outros 36,5% garantiram que sim e 38,5% talvez. Todavia, ao serem indagados sobre a necessidade da existência de cursos que possam auxiliá-los no ensino de assuntos complexos como a educação sexual, 92,3% posicionaram-se afirmativamente quanto a isso, outros 5,8% responderam *talvez* e somente 1,9% deles, opinaram não achar necessário.

Analisando os dados desta categoria, foi possível perceber que mesmo os professores que se sentem preparados para trabalhar a sexualidade, possuem a necessidade de cursos para prepará-los, pois, talvez falte um complemento para se ter a “coragem” de lecionar (romper tabus) sobre isso com as crianças, pois como afirma Chimentão (2009, s/p.):

[...] a formação continuada passa a ser um dos pré-requisitos básicos para a transformação do professor, pois é através do estudo, da pesquisa, da reflexão, do constante contato com novas concepções, proporcionado pelos programas de formação continuada, que é possível a mudança. Fica mais difícil de o professor mudar seu modo de pensar o fazer pedagógico se ele não tiver a oportunidade de vivenciar novas experiências, novas pesquisas, novas formas de ver e pensar a escola.

Portanto, a formação continuada serve como suporte para os professores se sentirem mais seguros ao abordarem determinada temática. A troca de experiências que acontece nestes encontros formativos agrega conhecimento e pode ser um possibilitador para se descobrir outros métodos de ensino.

Referente às dificuldades encontradas para trabalhar a sexualidade, 69,2% pontuaram se tratar de um tema que representa tabu/reação para os pais, outros 11,5% relataram falta de conhecimento sobre o assunto, já 7,7% receio da reação das crianças ao abordar o tema, 7,7% a falta de recursos e apenas 3,8% falta de apoio da equipe pedagógica.

Partindo da compreensão de que para muitas pessoas falar em sexualidade remete ao sexo (enquanto ato), este pode ser uma evidência que a educação sexual se tornou um tabu nas escolas, conforme aludem Carvalho e Silva (2017, p.4):

Visto que essa temática é muito associada a preconceitos, tabus, crenças ou valores singulares, como enfatiza o Ministério da Educação, a importância de se discutir sobre esse assunto na sala de aula é extrema, pois a sexualidade de uma criança, apesar de ser individual, é afetada durante toda sua vida pelas pessoas de seu convívio, ou seja, o modo como se aprende, conhece e assimila sobre tudo que envolve a Educação sexual influencia na vida psíquica do ser humano.

Tendo em vista a complexidade do tema, abordar sobre essa temática com as crianças é algo que intimida os docentes pelas possíveis reações dos pais. Promover conversas com os responsáveis dos educandos sobre a importância e amplitude da temática, poderia ser uma sugestão para as aulas ocorrerem de maneira mais tranquila e assim os professores se sentirem mais preparados.

Referente ao principal desafio no contexto escolar, um percentual de 42,3% de docentes, respondeu ser desafiador a maneira de se construir uma vivência natural no ensino da sexualidade, de forma autônoma e responsável desde cedo nas crianças. Outros 36,5% enfatizaram possuírem compreensão sobre o tema, livre de preconceitos, dogmas e tabus, e por fim, 21,2% afirmaram que o rompimento do tabu como principal elemento desafiador enfrentado, está na compreensão dos pais sobre a amplitude/complexidade e importância da abordagem nas aulas na Educação Infantil.

Sendo assim, os docentes quando trabalham a sexualidade buscam instruir os alunos à autonomia e ao autocuidado, porém, esse é o principal desafio (como é possível fazer isso?). Ao se trabalhar sobre esse assunto é preciso entender que o tema é complexo e relevante, e aos docentes é interessante estar preparado/qualificado para conversar com os pais, que talvez achem o tema algo desnecessário.

Mas sabemos que, de fato, os professores não recebem informações suficientes em sexualidade na sua formação, por isso trabalhar conteúdos que envolvem esta temática e suas especificidades no ambiente escolar é considerado tema delicado e difícil de ser trabalhado. (RUFINO et.al, 2013, p.985).

Quando perguntado aos professores se já passaram por alguma situação de questionamento ou atitude dos alunos referente à sexualidade, 34,6% responderam que *sim* e a maioria deles relatou ter conversado sobre o assunto ou a situação: *“Abordamos com uma roda de conversa e respondendo até onde vai o interesse da criança”*; *“Conversei sobre o assunto”*; *“Tentei agir naturalmente e conversei com as crianças sem enfatizar muito o ocorrido”*; *“Conversei com eles sobre o assunto tentando de forma clara explicar e tirar as dúvidas existentes”*. Estes são alguns dos relatos dos docentes, e outros 34,6% ainda contaram que nunca passaram com os alunos, por situações envolvendo a sexualidade.

Diante dos dados coletados e analisados, foi possível observar que independente do tempo de serviço, o índice de profissionais com curso de capacitação é baixo na temática sexualidade, daí já parte um preconceito com o tema. Buscar conhecimento sobre algum determinado assunto é agregar conhecimento para melhor atender as demandas dos alunos. Apesar da maioria dos entrevistados relatarem que se sentem profissionais preparados para lidar com o tema, foi possível observar que ainda existem muitas dificuldades nessa temática. Abordar o assunto somente quando necessário, revela que os pedagogos não se sentem seguros o suficiente para trabalhar com as crianças temas que abordam a sexualidade.

Portanto, o tema parte como tabu desde a formação acadêmica dos profissionais, pois, como foi possível observar, para a maioria dos pedagogos não incluiu nem uma disciplina durante o seu percurso formativo. Diante disso, os

profissionais já se formam com uma ideia de preconceito e insegurança para trabalhar a sexualidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sexualidade é um tema que apesar de ter ganhado espaço nas discussões pedagógicas nos últimos tempos, ainda é um desafio romper com os tabus nele contido, para a maioria das pessoas. Nem sempre o tempo de atuação na docência é o que determina qual o profissional que melhor sabe encaminhar os alunos para uma discussão ou atividade sobre o tema. Todavia, a escassez de cursos de capacitação no âmbito da sexualidade na Educação Infantil é um fator evidente que interfere no preparo e qualificação adequada do professor para planejar aulas e atividades pedagógicas com segurança, não gerando desconforto e receio em relação aos pais e a comunidade em geral.

O assunto sexualidade na Educação Infantil é um caminho que pode abrir portas para talvez evitar o abuso infantil. Se uma criança sabe quais as partes do seu corpo que não podem ser tocadas por pessoas desconhecidas, ou até mesmo conhecidas, fica mais fácil para ela relatar aos pais/ responsáveis ou até mesmo aos professores sobre a existência de situações que ela possa vir a ser exposta, e diante disso, serem tomadas as devidas providências.

Na escola a abordagem sobre o tema, pode acontecer de maneira lúdica, por meio de cantigas, confecções do corpo humano, vídeos, rodas de conversas, histórias. Mas para essas interações acontecerem, o professor precisa sentir-se seguro de sua abordagem e ter a consciência que o assunto é necessário ser trabalho, compreendendo que a sexualidade está presente em tudo, sendo impossível excluí-la da sala de aula (OLIVEIRA, 2016).

Nossas reflexões evidenciaram que a sexualidade, presente em todos nós desde o nascimento, pode ser na educação infantil vivenciada por meio das interações e brincadeiras, mas para essa mediação ocorrer naturalmente, é necessária a oferta de maiores oportunidades de capacitação aos docentes sobre a temática, haja vista que somente quando os estereótipos e padrões sociais

preconceituosos forem deixados de lado, os educadores serão capazes de romper com os tabus na sua prática pedagógica.

Ademais, esperamos com este estudo instigar reflexões aprofundadas e contribuir para a expansão de debates acadêmicos que conduzam cada vez mais a desmistificação de muitos preconceitos construídos na infância, para que assim, o professor, preparado pessoal e teoricamente, possa responder às dúvidas e demandas das crianças no processo de ensino e aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, L. U.; VIÇOSA, C. S. C. L.; FOLMER, V. A educação sexual nos documentos das políticas de educação e suas ressignificações. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**. Revista Eletrônica Acervo Saúde, [S.L.], v. 11, n. 10, p. 1-10, 8 jul. 2019.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Persona. Tradução de: Luís Antero Reto e Augustto Pinheiro, 1977.
- BORTOLOZZI MAIA, A. C.; BAPTISTA SPAZIANI, R. Manifestações da sexualidade infantil: percepção de pais e professoras de crianças de 0 a 6 anos. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 11, n. 01, p. 68 - 84 2010.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: 2017.
- BRASIL - Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CARVALHO, L.G. SILVA, L.L. Educação sexual na escola. **Revista Pandora Brasil**, nº83, 2017.
- CAVALCANTI, A. G. L. **Sexualidade infantil: concepções e práticas de professoras da educação infantil**. 2017. 52 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.
- CHIMENTÃO, L.K. **O significado da formação continuada docente**. 2009. Disponível em:
<http://www.uel.br/eventos/conpef/conpef4/trabalhos/comunicacaooralartigo/artigoacomoral2.pdf>
- COSTA, V. L. P. **Função Social Da Escola**. 2012. Disponível em:
https://drearaguaina.com.br/projetos/funcao_social_escola.pdf.
- HESS, E. **A sexualidade na educação global**: orientação para pais e mestres. São Paulo: Edições Paulinas, 1986.
- GAVA, N. C.; JARDIM, M. B. Sexualidade infantil: uma releitura no cotidiano escolar. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 16, ed. 1, p. 1-7, 05 jan. 2016.
- GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (organizadores). **Métodos de Pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- REIS, G. V.; RIBEIRO, P. R. M. **Sexualidade e educação escolar**: algumas reflexões sobre orientação sexual na escola. 2005. Disponível em:
<http://ead.bauru.sp.gov.br/efront/www/content/lessons/50/Texto%20sexualidade2.pdf>. Acesso em: 04 set. 2021.

OLIVEIRA, Arlete Piccolo de. Sexualidade e educação infantil: uma visão histórica, teórica e cultural. 1 ed. São Paulo: edição do autor, 2016.

RODRIGUES, M. S. **O lúdico como ferramenta para orientar a sexualidade na educação infantil**. 2013. 57 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal da Paraíba Centro de Educação Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. João Pessoa-Pb, 2013a. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/2749/1/MSR03102013.pdf>. Acesso em: 17 out. 2021.

RODRIGUES, P. C. R. **Multiculturalismo – A diversidade cultural na Escola**. 2013. 146 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pedagogia, Escola Superior de Educação João de Deus, Lisboa, 2013b.

RUFINO, C. B.; PIRES, L. M.; OLIVEIRA, P. C.; SOUZA, S. M. B.; SOUZA, M. M. Educação sexual na prática pedagógica de professores da rede básica de ensino. **Revista Eletrônica em Enfermagem**, Go, v. 4, n. 15, p. 983-985, dez. 2013.

SAVIANI, D. Sobre a natureza e especificidade da educação. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, 7(1), 286–293, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/gmed.v7i1.13575>. Acesso em: 12 abr. 2021.

SCHINDHELM, V. G. A sexualidade na educação infantil. **Revistaleph**, [s. l], v. 5, n. 16, p. 35-47, dez. 2011.

SILVA, C. R. A sexualidade infantil e a educação escolar em três diálogos na psicanálise:: um estudo com a grounded theory. **Interfaces da Educação**, Paranaíba, v. 10, n. 28, p. 176-203, set. 2019.

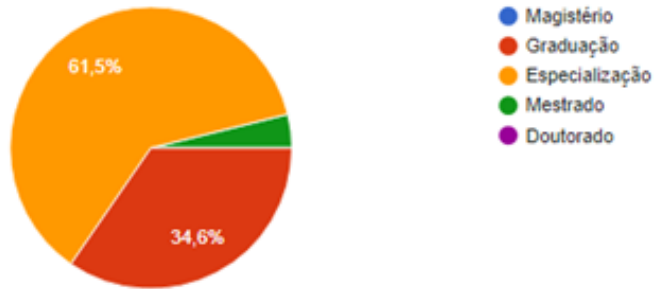
APÊNDICES

APÊNDICE II

Respostas obtidas do questionário:

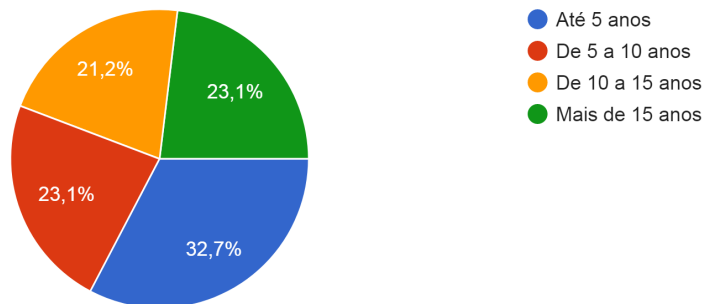
Qual sua formação?

52 respostas



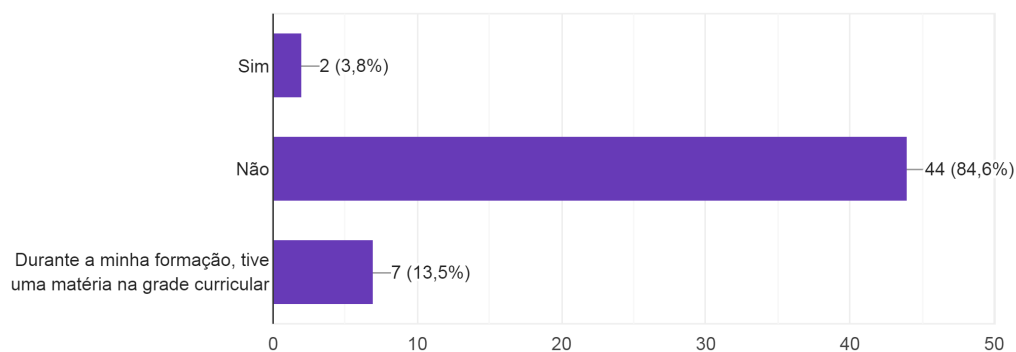
Quanto tempo atua na área?

52 respostas



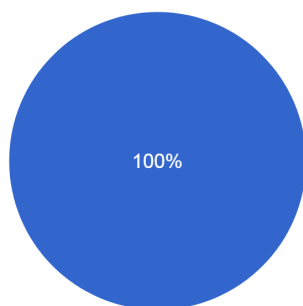
Você possui curso de especialização na área da educação sexual?

52 respostas



Tendo em vista que o assunto sexualidade vai muito além do que muitos imaginam, qual o papel do ensino dessa temática no seu ponto de vista?

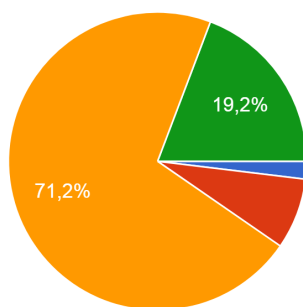
52 respostas



- Relevante, porque ela aborda assuntos como o cuidado com o próprio corpo, conhecer os limites que as outras pessoas tem sobre ele, o que fazer quando alguém faz ou alguma coisa diferente acontece.
- Irrelevante, porque os alunos terão tempo para aprender quando possuírem maior maturidade e compreensão do tema.

Com qual frequência você aborda o assunto sexualidade nas aulas?

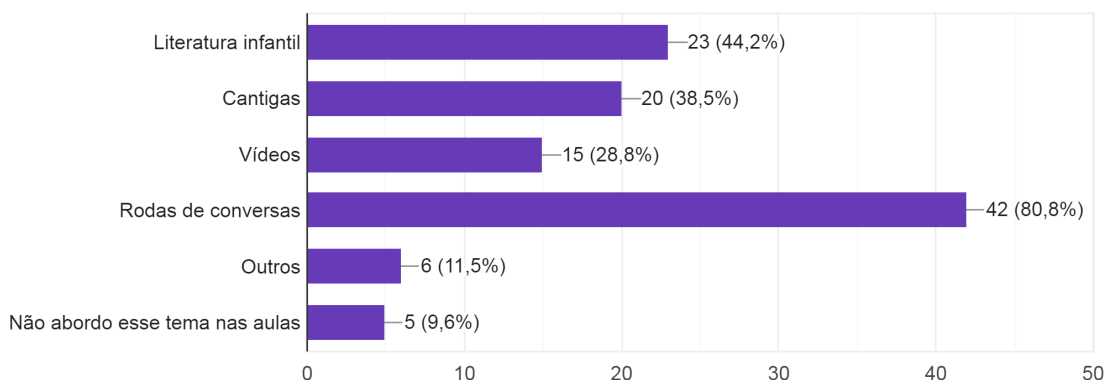
52 respostas



- Nunca
- Raramente
- Somente quando necessário
- Sempre

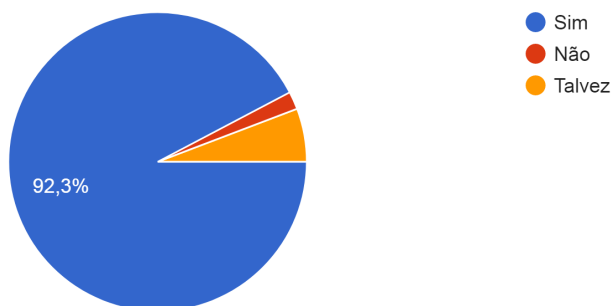
Que tipo de recursos didáticos você faz uso para abordar o tema sexualidade em suas aulas?

52 respostas



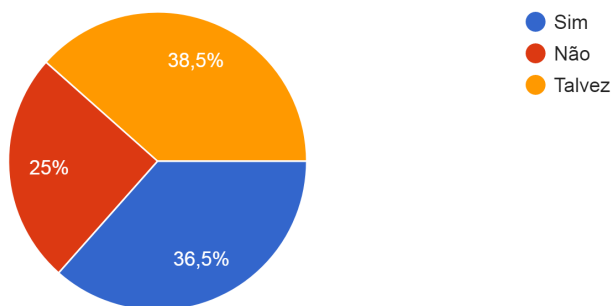
Acredita que deveria existir cursos para preparar os professores para situações que possam acontecer em sala de aula referente a sexualidade?

52 respostas



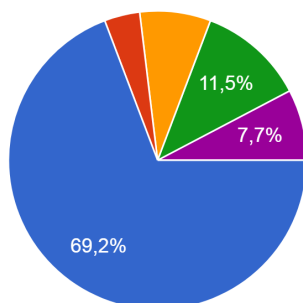
Você se sente um profissional preparado para lidar com situações que envolvam o assunto sexualidade dentro da sala de aula?

52 respostas



Quais as maiores dificuldades que você encontra para trabalhar a sexualidade na educação infantil?

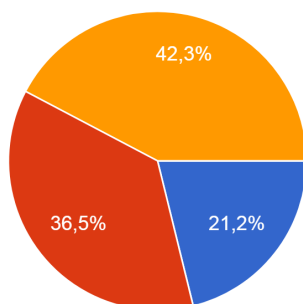
52 respostas



- Tabu/reação dos pais.
- Falta de apoio da equipe pedagógica.
- Falta de recursos.
- Falta de conhecimento sobre o assunto.
- Receio da reação das crianças ao abordar o tema.

Qual o principal desafio no contexto escolar da educação sexual?

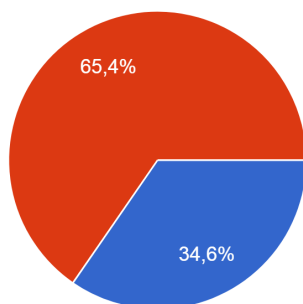
52 respostas



- A compreensão dos pais sobre a amplitude do tema.
- A compreensão sobre o tema livre de preconceitos, dogmas e tabus.
- Construir uma vivência da sexualidade de forma mais autônoma e responsável desde cedo nas crianças.

Você já passou por alguma situação de questionamento ou alguma atitude dos alunos referente a sexualidade?

52 respostas



- Sim
- Não

Qual foi a sua reação? (Considere essa pergunta, se a anterior foi sim)

Conversei com eles sobre o assunto tentando de forma clara explicar e tirar as dúvidas existentes.

Observação e explicação.

Mas diversas fases do desenvolvimento o tema é sempre motivo de atenção. Tevemos ter convivência de abordar o tema se adequando a idade dos educandos, porque sexualidade é auto conhecimento de seu corpo é independência e respeito.

Conversar com as crianças de forma que eles entendam

A reação foi com diálogo tranquilo e orientações referentes a situação ocorrida

Deixei o educando falar e conversei sobre de forma natural.

Tentei agir naturalmente e conversei com as crianças sem enfatizar muito o ocorrido.

Questionamento do porque da diferença do corpo da menina e menino

Abordamos com uma roda de conversa e respondendo até onde vai o interesse da criança

Conversei sobre o assunto

Foi bem tranquilo, inclui o assunto de forma lúdica nas atividades proposta!

Dialogar com os pais e as crianças

Pricurei conversar com a criança de uma forma clara e com palavras significativas para que ela conseguisse entender de forma correta seu questionamento

No início foi de muita insegurança, mas fui me informar com a Secretaria da Educação, na época, sobre qual seria a melhor forma para proceder diante do ocorrido. Isso aconteceu no início da minha profissão, quando trabalhava com terceiro ano do Ensino Fundamental. A Secretária de Educação me orientou que eu poderia montar um texto sobre o assunto, e que poderia ser discutido com as crianças. E assim foi feito. Seu certo, e aquela situação não ocorreu mais. Assunto era: boatos na escola de que algumas crianças estariam tendo relação sexual com animais.

Na educação infantil não trabalhamos diretamente a sexualidade. Mas sim o conhecimento do próprio corpo. As vezes as crianças perguntam coisas sobre o corpo. Então tento esclarecer da melhor maneira considerando a idade da criança.

Tentar ajudar no que for possível, dentro da idade deles.

Procurei responder apenas a pergunta da criança de forma natural.

Foi feito uma roda de conversa sobre o fato ocorrido, com todas as crianças da turma, era turma de Ensino Fundamental, 3a série. E ali tiveram a oportunidade de tirar suas dúvidas e relatar suas opiniões, etc. Consegui resolver a situação.